

# **A maldição do dispêndio: Bataille e as economias restritas**

Bárbara de Barros Fonseca<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo pretende abordar uma parte de minha pesquisa de doutorado, que se concentra na obra de Georges Bataille precisamente nas expressões do excesso nas economias restritas e geral. Primeiramente, analisaremos a origem da noção de dispêndio e como ela se situa dentro da obra de Bataille, para posteriormente entendermos as diferentes maneiras através das quais o excesso é manejado nas economias restritas. Procuramos enfatizar como a noção de dispêndio se constrói a partir de uma crítica ao utilitarismo e como o dispêndio não pode ser subsumido pela ordem capitalista da acumulação e da produtividade. Mostraremos no texto como o dispêndio surge como disruptivo, um dos maquinários do excesso que se consagra à pura perda e dá vazão para a elucubração de outros modos de habitar a terra.

Palavras-chave: Bataille; Capitalismo; Dispêndio;

**ABSTRACT:** This paper intends to address a part of my doctoral research, which focuses on the work of Georges Bataille precisely on the expressions of excess in restricted and general economies. Firstly, we will analyze the origin of the notion of expenditure and how it is located within Bataille's work, to later understand the different ways in which excess is managed in restricted economies. We seek to emphasize how the notion of expenditure is constructed from a critique of utilitarianism and how expenditure cannot be subsumed by the capitalist order of accumulation and productivity. We will show in the text how expenditure appears as disruptive, one of the machinery of excess that is dedicated to pure loss and gives way to the speculation of other ways of inhabiting the earth.

Keywords: Bataille; Capitalism; Expenditure;

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Filosofia pela Universidade de Brasília e professora EBTT de Filosofia no Instituto Federal de Brasília - IFB.

Audaciosa desde sua origem, a noção de dispêndio se coloca em jogo como um dos principais motores do pensamento batailleano. Ela foi cunhada em 1933, num texto arrebatador publicado na revista *La critique sociale*, no qual operava uma virada copernicana em relação à concepção clássica da economia: em vez de erigir uma compreensão econômica pautada na produção, aquisição, conservação e reprodução, Bataille se propõe a conferir uma centralidade ao gasto, ao dispêndio improdutivo. A noção de dispêndio e suas posteriores ramificações ocupam um papel crucial no pensamento de Bataille: operam a crítica ao princípio de utilidade.

Para oferecer uma espécie de “fundamentação” e corroborar com sua teoria, Bataille conta com um arcabouço de relatos etnográficos de sociedades extra-modernas, além de análises de comportamentos que pautam sua própria sociedade. A principal inspiração de Bataille nessa questão é do antropólogo Marcel Mauss, autor do célebre *Ensaio sobre a dádiva*.

Nesta obra, com o recurso de um apanhado de registros etnográficos, Mauss desenvolve uma perspectiva sobre a origem do mercado que é contrária à visão canônica da economia: em vez de ter surgido do escambo, Mauss relata um regime de trocas diferente nas sociedades extra-modernas, o que também demonstra que elas não seriam desprovidas de mercado.

Ele realiza isso a partir da noção de fato social total, em que explica as participações das instituições religiosas, jurídicas, morais e econômicas no sistema de prestações totais e que englobam ritos, danças, banquetes e festas, com fenômenos como o *kula* e o *potlatch*.

Essa análise – especialmente a do *potlatch* – é extremamente profícua para Bataille porque demonstra um sistema econômico que não se baseia apenas na troca e num caráter estritamente utilitário. A dinâmica das prestações totais é baseada em seu caráter voluntário, livre e gratuito que coexiste com um caráter obrigatório e interessado, uma dinâmica pautada no dar – receber – retribuir. A troca é imersa em toda vida social do grupo e não é possível uma análise separada da atividade econômica, que a isole das outras atividades.

*Apesar da importância dessas trocas, como o grupo local e a família, noutros casos, são autosuficientes em matéria de ferramentas etc, esses presentes não servem à mesma finalidade que o comércio e a troca nas sociedades mais desenvolvidas. A finalidade é antes de tudo moral, seu objeto é produzir um*

*sentimento de amizade entre duas pessoas envolvidas, e, se a operação não tivesse efeito, faltaria tudo...* (MAUSS, 2003, p.211)

Envoltas por questões como a honra e a glória, essas prestações totais implicam diversas vezes uma mistura de vínculos espirituais entre as coisas, os indivíduos e os grupos. Os objetos imiscuídos nessas trocas possuem *hau* – espírito – e assim a coisa não é inerte, ela conserva algo do doador, que ainda possui um poder sobre ela.

Bataille encontra um paroxismo das prestações totais encarnado no fenômeno do *potlatch*, que aparece em *A noção de dispêndio* e n' *A Parte Maldita* como um dos exemplos canônicos do gasto improdutivo. O *potlatch* seria a forma mais agonística das prestações totais, uma forma extrema de despesa suntuária praticada por indígenas no noroeste americano em que a glória e a honra ocupam o mais alto patamar e são alcançadas através da obtenção do poder: poder que se traduz no poder de perder.

*Em parte alguma o prestígio individual de um chefe e o prestígio de seu clã estão mais ligados ao dispêndio e à exatidão em retribuir usurariamente as dídivas aceitas, de modo a transformar em obrigados aqueles que os obrigaram. Aqui, o consumo e a destruição são realmente sem limites. Em certos potlatch deve-se gastar tudo o que se tem e nada conservar. É uma disputa de quem será o mais rico e também o mais loucamente perdulário. O princípio do antagonismo e da rivalidade está na base de tudo.”* (MAUSS, 2003, p.238)

O *potlatch* ultrapassa uma concepção básica de utilidade e difere completamente das experiências às quais estamos acostumados no mundo burguês ocidental. Bataille observa no texto *A noção de dispêndio* que encontramos em nossa sociedade diversas situações que escapam ao princípio clássico de utilidade, como os jogos de azar, produções de arte etc. Todavia, é no *potlatch* que Bataille percebe uma forma paradigmática do dispêndio. Nessa dinâmica central do poder relacionado ao poder de perder, de colocar em jogo a destruição de toda uma garantia material, Bataille encontra um processo dilapidatório que modifica o homem através da consumação, que se constitui de maneira completamente distinta da acumulação nas sociedades burguesas.

Bataille encontra, no *potlatch*, um frenesi que vai além do cálculo e que proporciona um deslocamento valorativo que vai contra a racionalidade econômica. A movimentação suntuária do *potlatch* mobiliza objetos inúteis e os retira da cadeia do consumo produtivo.

De acordo com Iwano (2015), no *potlatch* a relação social se funda sobre o dispêndio e constitui uma espécie de paixão impura, pautada no compromisso entre o desejo destruidor da consumação e a obtenção de um lucro. Todavia, podemos interrogar se de fato o *potlatch* se submete necessariamente a uma espécie de caráter utilitário ou se a honra e a glória obtidas nesse processo respondem a uma outra categorização.

O *potlatch* ainda é prenhe de ambiguidades: existem diferentes leituras – como as de Boas, Mauss e o próprio Bataille - que realizam análises que o aproximam ou o distanciam dos processos servis:

*D'où l'aspect double du potlatch que l'on a vu plus haut : s'il ne faut pas le réduire simplement, comme l'a fait Mauss, à une opération subordonnée aux processus d'acquisition, il est excessif de le considérer comme une dépense improductive puisque les primitifs eux-mêmes, en confondant la gloire et le rang, étaient portés à en faire un acte utile. (HAMANO, 2004, p.65)<sup>2</sup>*

De todo modo, o projeto batailleano não consiste em realizar uma perícia sobre uma pretensa maior objetividade das diferentes leituras do *potlatch*: ele pretende pensar o *potlatch* a partir de um desejo “humano” que liga a vida à violência - evidenciando sua relação com o sacrifício -. Com o *potlatch* nos aproximamos de uma concepção crucial para Bataille: a de que o dispêndio diz respeito a uma coletividade, uma construção que escapa aos parâmetros da consumação burguesa individualista.

Compreendendo o *potlatch* como um signo do excesso, podemos entender porque ele é tão importante para a formulação da noção de dispêndio. É com a noção de dispêndio que Bataille visa realizar a virada copernicana que coloca o gasto no centro da equação, possibilitando as especulações sobre o lugar ontológico do excesso que dá origem à elaboração dos conceitos de economia restrita e economia geral.

É importante frisarmos que o dispêndio não está presente apenas enquanto um caráter irreduzível da existência humana: por mais que possamos realizar análises da presença do dispêndio nas organizações sociais, ele possui uma anterioridade em relação a essas

---

2 Tradução nossa: Daí o duplo aspeto do potlatch que vimos acima: se não se deve reduzi-lo simplesmente, como fez Mauss, a uma operação subordinada aos processos de aquisição, é excessivo considerá-lo como um dispêndio improdutivo, pois os próprios primitivos, confundindo glória e hierarquia, estavam inclinados a fazer dele um ato útil (HAMANO, 2004, p.65).

expressões. Por ser uma manifestação do excesso, o dispêndio se mostra como a parte maldita que se alastra com a realização inútil do universo.

Bataille explora bastante a faceta sociocultural da relação entre dispêndio e excesso no livro *O Erotismo*, em que desenvolve uma teoria que explica o desenvolvimento do *corpus social* a partir das relações entre interdito e transgressão. Essa relação é responsável, através dos interditos, por resguardar os indivíduos (e a perpetuação da espécie) da virulência avassaladora do excesso. Já a transgressão, alçada a partir de uma suspensão temporária dos interditos, é a responsável por permitir um contato com a continuidade do excesso. Esse contato com a continuidade do excesso que é alcançada através da transgressão e abre as portas para o sagrado é um contato que se dá apenas como um flerte: a exuberância do excesso é um jogo entre a vida e a morte que esfacela as descontinuidades.

O motivo da atração pelo excesso e da importância da transgressão na dinâmica social diz respeito à intimidade da existência, tanto humana quanto cósmica: a presença inelutável do excesso. Bataille desenvolve uma teoria cósmico-energética que confere ao Sol um lugar primordial, o da máxima dádiva: o Sol é o que tudo dá sem nada receber, nada pedir em troca.

Ele compreende que a origem da vida no globo terrestre se dá a partir de um excesso energético: a abundância de energia solar que provoca a vida orgânica. Bataille alça o Sol a um papel peremptório do sacrifício maior. Assim, ele oferta não apenas a energia necessária para a manutenção da vida, mas uma energia abundante que deve sempre ser gasta suntuosamente. O Sol também segue na esteira da realização inútil do universo.

Esse excesso presente na energia advinda do Sol reverbera no globo terrestre:

*la somme d'énergie produite est toujours supérieure à celle qui fut nécessaire à sa production. C'est le principe même de la vie (...) ces excès, cette animation sont l'effet de cette lumière (nous ne sommes au fond qu'un effet du soleil)"* (BATAILLE, O.C. VIII, p.10).<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Tradução nossa: a quantidade de energia produzida é sempre maior do que aquela que foi necessária para produzi-la. Este é o próprio princípio da vida (...) estes excessos, esta animação são o efeito desta luz (no fundo, somos apenas um efeito do sol)

Essa compreensão é uma das ignições que ajuda a destronar a humanidade de uma centralidade ontológica, situando-a como um receptáculo no caminho da movimentação energética do cosmos.

O caráter solar que Bataille observa na existência humana se relaciona intrinsecamente com o desenvolvimento da noção de dispêndio e da compreensão energética do excesso. Bataille entende que, com a prevalência do excesso originada pelo Sol, a energia que alcança a Terra é abundante - é a partir dessa especulação que Bataille desenvolve os princípios da economia geral -. De tal modo, essa energia excessiva na biosfera alcança um nível em que há uma impossibilidade de crescimento ilimitado no globo (a partir dos tópicos da produção, limite, crescimento, pressão e bioquímica) e, segundo Bataille, daria origem à reprodução e à morte.

Esse excesso permeia toda a vida no globo e nos leva a uma compreensão energética desse movimento, considerando o manejo da energia solar nos processos do globo terrestre.

*tous les mammifères, l'humain y compris, sont des machines thermodynamiques indirectement alimentées par l'énergie solaire. Nous sommes homo solaris autant qu'homo sapiens. L'énergie, d'origine solaire, est donc la base, le moyen et la fin de la production.* (MONG-HY, 2012, p.50).<sup>4</sup>

A energia desempenha um papel notável no pensamento batailleano, principalmente a partir do livro *A Parte Maldita*. Uma das maneiras de se compreender o dispêndio é justamente a partir do viés energético – é a parte de energia que não pode ser tornada útil, que não pode ser transformada em trabalho.

O desenvolvimento de seu pensamento econômico-energético sofreu uma forte influência das ponderações de seu companheiro de *Acéphale*, Georges Ambrosino, um físico nuclear que o introduziu a várias novidades na seara científica, como a teoria termodinâmica. Apresentando um diferente confronto a uma concepção de utilidade, a termodinâmica surge como a ciência das variações correlatas entre pressão, volume, composição química, temperatura e quantidade de calor, indo de encontro ao modelo da dinâmica newtoniana que não comportava a irreversibilidade com suas transformações e perdas.

---

4 Tradução nossa: Todos os mamíferos, incluindo os seres humanos, são máquinas termodinâmicas alimentadas indiretamente pela energia solar. Somos tanto *homo solaris* como *homo sapiens*. A energia, de origem solar, é portanto a base, o meio e o fim da produção.

A segunda lei da termodinâmica, que aborda a entropia e o aumento da desordem nos sistemas fechados, postula um princípio de evolução que afirma que o universo tende ao máximo de entropia, ao máximo da dissipação energética, exprimindo o caráter irreversível dos fenômenos naturais. Dessa maneira, Bataille tem contato com uma expressão científica que compreende que sempre há uma energia que se perde, que não pode ser convertida em trabalho, uma energia que se dissipa.

A passagem de uma percepção do dispêndio que se constitui de maneira mais próxima a uma compreensão material das sociedades e que, posteriormente, se aproxima a uma compreensão energética da manifestação do excesso é crucial para o desenvolvimento da noção de economia geral.

*cette ouverture épistémologique qui amènera Bataille d'une 'économie de l'univers' embryonnaire em 1933 à une 'économie générale', 'à la mesure de l'univers' em 1949 a été possible uniquement grâce au passage du paradigme matérialiste au paradigme énergétique. (MONG-HY, 2010, p.344)<sup>5</sup>*

O conceito de economia geral não encontra grandes formulações explícitas ao longo da obra de Bataille, porém opera um papel central na compreensão do excesso nas mais diversas escalas. Ela diz respeito à ubiquidade do excesso, à realização inútil do universo que implica no desconhecimento da falta e da necessidade.

A economia geral pressupõe uma nova perspectiva em relação à compreensão do manejo energético no globo. Através dela, Bataille solapa a costumeira concepção moderna em que a natureza é compreendida como um recurso, um utensílio para a humanidade que passa por um processo de negação – de subserviência – da natureza para proporcionar o desenvolvimento material (industrial) da sociedade.

Bataille infere que o excesso não pode ser totalmente cooptado para as realizações produtivas da humanidade e que a energia excedente deve ser gasta improdutivamente, visto que é impossível que ela seja transformada totalmente em lucro - o que instaura a inescapabilidade do dispêndio improdutivo. A economia geral sinaliza esse caráter cósmico do excesso, em que a energia não pode ser totalmente convertida em parâmetros utilitários humanos, culminando na compreensão de que o dispêndio é inescapável, compreendendo "o

---

5 Tradução nossa: esta abertura epistemológica, que leva Bataille de uma embrionária “economia do universo”, em 1933, a uma “economia geral”, “à medida do universo”, em 1949, só foi possível graças à transição do paradigma materialista para o paradigma energético.

princípio de uma 'economia geral', em que o 'dispêndio' (a 'consumação') das riquezas é, em relação à produção, o objeto primeiro". (BATAILLE, 2013a, p.37)

A concepção de economia geral possui uma abrangência que a distingue da nossa compreensão convencional de economia. Nela, não há necessidade nem finalidade, pois ela é concebida como uma economia da massa viva em conjunto, em que a energia proveniente do “sacrifício solar” está sempre em excesso. Na contramão, as economias restritas seriam os sistemas econômicos separados, onde podem existir a necessidade e a raridade (PIEL, 2013a, p.9).

O escopo cósmico da economia geral, que abrange toda uma movimentação energética que reverbera no globo terrestre, coloca em jogo a questão de como o excesso da energia solar nos perpassa.

*L'énergie devient un paradigme unificateur qui permet d'envisager sous une vision globale l'unité et la diversité des phénomènes naturels. Ce que Bataille appelle 'la dépense' d'énergie est dans la langage de la thermodynamique une conversion énergétique. Et l'économie générale', de ce point de vue, est une théorie de ces conversions entre l'humain, la société et les mondes physicochimique et biologique: il s'agit pour Bataille de rapprocher très précisément la question anthropo-socio-économique du 'problème général de la nature'. (MONG-HY, 2012, p.35)<sup>6</sup>*

A perspectiva da economia geral institui um panorama que se situa fora dos parâmetros antropocêntricos. Ao entender que o excesso busca a realização inútil no universo, a economia geral não responde apenas às finalidades humanas e não sujeita a compreensão da vida no globo terrestre como um artifício ou recurso natural da humanidade. Assim que a economia geral postula o excesso como instância inescapável - pensando a vida no globo terrestre como uma movimentação da continuidade em que vida e morte se arrebatam e se renovam constantemente - nos distanciamos de um olhar antropocêntrico da economia.

*Bataille's general economy is paradoxically rational: what it suggests is that we recognize the limits of growth and think through strategies of nonproductive expenditure as self-conscious activity. We should stop being*

---

<sup>6</sup> Tradução nossa: A energia torna-se um paradigma unificador que permite ver a unidade e a diversidade dos fenômenos naturais numa perspectiva global. Aquilo a que Bataille chama o "dispêndio" de energia é, na linguagem da termodinâmica, uma conversão energética. E a "economia geral", deste ponto de vista, é uma teoria destas conversões entre o homem, a sociedade e os mundos físico-químico e biológico: para Bataille, trata-se de alinhar muito precisamente a questão antro-po-sócio-económica com o "problema geral da natureza".



*greedy and stop striving for individual growth, which results in planetary energy restoring its balance in an uncontrolled and catastrophic way. Nonproductive expenditure must be taken seriously and organized as an economy of gifts without reciprocation – a glorious economy. (TIMOFEEVA, 2021, p.64)<sup>7</sup>*

O pensamento da economia geral não comporta pretensões utilitárias e individualistas que visam afunilar a profusão do excesso para a produção e a acumulação, acarretando a falta e a necessidade. Bataille busca exemplos de economias restritas que se abeiram à economia geral – em que o excesso teria maior vazão perseguindo sua própria inutilidade – justamente como uma maneira de exemplificar a possibilidade de economias gloriosas. Essas espécies de economias heterogêneas estariam mais afinadas com a economia geral por não execrarem o gasto improdutivo, conferindo uma centralidade ao dispêndio na organização da vida social.

Contudo, o próprio fato de Bataille procurar exemplos que outorguem credibilidade a sua teoria já apresenta suas aporias:

*Derrida has pointed out that Bataille is limited by his own 'conjectural approximations' (CR, 135 n68) for the accursed share. Bataille is constantly trying to find examples of the accursed share, to prove that the accursed share exists and its not just a fantasy. (...) However, to provide examples of the accursed share limits the effects of the accursed share by reducing it to a limited example (NOYS, 2000, p.104)<sup>8</sup>*

A obra de Bataille emana a tragicidade do impasse, o vislumbre do malogro desde sua gênese. É justamente essa impossibilidade que ilumina a ideia de uma economia geral: não há uma viabilidade de uma economia plenamente alinhada à economia geral. Somos crias do excesso, porém o próprio excesso aniquila nossas descontinuidades. É por isso que as economias restritas possuem uma mirada antropocêntrica: a questão reside não na inexequível proposta de abandonar uma economia restrita pela aventura da economia geral,

---

7 Tradução nossa: A economia geral de Bataille é paradoxalmente racional: o que sugere é que reconheçamos os limites do crescimento e pensemos em estratégias de dispêndio não produtivo como atividade autoconsciente. Devemos deixar de ser gananciosos e parar de lutar pelo crescimento individual, que resulta no reequilíbrio da energia planetária de forma descontrolada e catastrófica. O dispêndio não produtivo deve ser levado a sério e organizado como uma economia de dádivas sem reciprocidade - uma economia gloriosa.

8 Tradução nossa: Derrida salientou que Bataille está limitado pelas suas próprias "aproximações conjecturais" (CR, 135 n68) para a ação maldita. Bataille está constantemente tentando encontrar exemplos da parte maldita, para provar que a parte maldita existe e não é apenas uma fantasia. (...) No entanto, dar exemplos da parte maldita limita os efeitos da parte maldita, reduzindo-a a um exemplo limitado.

mas na compreensão da centralidade do dispêndio - e como a energia do globo terrestre dispense “melhor” com uma economia da dádiva do que com a predação incutida numa economia de acumulação.

Assim podemos perceber como os exemplos de sociedades catalogadas por Bataille não dizem respeito a exemplificações da economia geral, mas a economias restritas que desenvolvem uma relação com o excesso que não seja a da domesticação. Elas são economias situadas, impossibilitadas de considerar o excesso na totalidade do seu movimento avassalador e, por isso, tentam gerenciá-lo de maneiras diferentes, cada qual buscando atingir suas próprias finalidades.

O fato de as economias restritas perseguirem objetivos – sejam eles a sobrevivência da espécie ou o acúmulo de lucro a perder de vista – já sinaliza um ponto crucial na sua definição: elas visam uma espécie de gerência do excesso, uma maneira de canalizar o excesso de modo que ele empreenda outros trabalhos antes de sua realização inútil, do máximo dispêndio.

*What Bataille meant by restricted economy was not only capitalism or Soviet communism, which he criticized for its cult of production, but something more fundamental, deriving from the antagonistic relation between nature and humanity, when the latter pretends to be separate from the former and manipulate it. (TIMOFEEVA, 2021, p.80)<sup>9</sup>*

De acordo com a perspectiva da economia geral, o excesso não pode ser totalmente cooptado para as realizações “produtivas” da humanidade, visto que a energia excedente deve ser gasta improdutivamente. Um dos obstáculos intransponíveis enfrentados pelas economias restritas (como a do capitalismo) é o fato de que não existe uma máquina de moto perpétuo, há uma impossibilidade material de converter a totalidade de energia em jogo no globo terrestre em trabalho produtivo.

Essa característica das economias restritas da modernidade colocam em jogo esse confronto inevitável: a tentativa de canalização da energia excessiva é malograda desde o início. Há uma impossibilidade de transformação da natureza completamente em recurso.

---

<sup>9</sup> Tradução nossa: O que Bataille entendia por economia restrita não era apenas o capitalismo ou o comunismo soviético, que ele criticava pelo seu culto da produção, mas algo mais fundamental, derivado da relação antagonista entre a natureza e a humanidade, quando esta última pretende estar separada da primeira e manipulá-la.

Por mais que possamos canalizar energeticamente determinadas forças (dos rios, queima de carvão etc)<sup>10</sup> há sempre algo que escapa, sempre uma energia que se perde.

O lampejo de Bataille ao elaborar as noções de economia restrita e economia geral consiste na percepção da existência de um limite no processo de crescimento no globo terrestre. Há uma incapacidade planetária de crescimento ilimitado e sempre é necessário dispendir, o que pode ocorrer de maneira gloriosa ou de maneira catastrófica. Nossa hipótese é de que a grande falência das economias restritas da modernidade corresponde justamente a uma má-lida com o excesso, consistindo na malograda tentativa de dominação de tudo que ultrapassa o humano, de tudo que escapa do domínio da utilidade.

Dentro dessa perspectiva, o que nos chama a atenção é precisamente qual o lugar do dispêndio nesse balaio. O pensamento de Bataille suscita diversas críticas e uma das mais contundentes diz respeito justamente ao dispêndio: seria ele soberano ou uma das maquinarias do capitalismo, que serve como um fator de cooptação do excesso?

*Expenditure cannot be mass-produced because in the end it cannot be confused with mechanisms of utility: mass production, mass marketing, mass destruction. All of these involve, are dependent on, and therefore can be identified with a calculation, a planning, a goal orientation that is foreign to expenditure as analyzed by Bataille. (STOEKL, 2007, p.143)<sup>11</sup>*

Entender o dispêndio como uma engrenagem do capitalismo, como um gasto fútil que alimenta o sistema da obsolescência programada, é ter uma concepção de dispêndio que não corresponde ao gasto improdutivo - um movimento heterogêneo que a nada responde. O gasto no sistema capitalista está completamente imerso no regime de produção e acumulação, um gasto que favorece a acumulação de riquezas pela burguesia.

*Heterogeneous energy is what is left over, in excess, after the other energy has depleted itself, either literally or logically, in the completion of its job. It is there after homogeneous energy is quantified and used to the point of its own extinction, or after it has revealed itself as unsustainable in the sense*

---

10 Sobre a utilização da natureza para os desígnios capitalistas, Moore nos diz: “capitalism has been a system of getting nature – human nature too! – to work for free or very low cost (...). The weird and dynamic process of putting nature to work on the cheap has always been the basis for modernity’s accomplishments – its hunger for, and its capacity to extract the Four Cheaps: food, energy, raw materials, and human life”. (MOORE, p.11, 2016)

11 Tradução nossa: O dispêndio não pode ser produzida em massa porque, afinal, não pode ser confundida com mecanismos de utilidade: produção em massa, marketing em massa, destruição em massa. Todos eles implicam, dependem e, portanto, podem ser identificados com um cálculo, um planejamento, uma orientação para um objetivo que é estranho ao dispêndio, tal como analisado por Bataille.

*that its excess is inseparable from the production and maintenance of an illusory presence (its end is the production and sustenance of a modern subjectivity that is riven, death-bound, but that takes itself to be total essential). (STOEKL, 2007, p.138)<sup>12</sup>*

O dispêndio antecede - lógica e cronologicamente - o capitalismo e não pode ser encerrado numa perspectiva meramente antropocêntrica: o dispêndio possui um caráter cósmico. Bataille o entende a partir do prisma ontológico e seria um traço de arrogância antropocêntrica – se não uma ingenuidade – pressupor que o dispêndio poderia se dobrar a todas as volições humanas.

Robert Sasso enfatiza o peso ontológico do dispêndio ao se indagar

*Qu'est-ce qu'une dépense? Avant tout, une perte. Sur le plan ontologique, c'est l'antisubstance (...) la dépense, c'est d'abord le nom commun que reçoivent toutes les pratiques de la mise hors de soi de l'être isolé. (SASSO, 1978, p.171)<sup>13</sup>*

O dispêndio está situado junto à soberania, à continuidade, ao sagrado, à imanência: todos na mesma esteira ontológica do excesso.

*l'excès est l'être, en tant que 'l'être est aussi l'excès de l'être', mais il est inconnaissable, parce qu'au-delà de toute limite. L'excès est l'être, en nous et hors de nous, dans le toute de la nature. (...) La nature excède toute théorie par le jeu qui l'anime incessamment et qui redistribue indéfiniment ses 'formes'. (SASSO, 1987, p.180)<sup>14</sup>*

Logo, o capitalismo pode dispor do excesso porém nunca subsumi-lo. A relação entre a economia restrita e a economia geral se torna evidente nessa questão, visto que o dispêndio

---

12 Tradução nossa: A energia heterogênea é o que sobra, em excesso, depois de as outras energias terem se esgotado, literal ou logicamente, no cumprimento da sua missão. Existe depois de a energia homogênea ter sido quantificada e utilizada até à sua própria extinção, ou depois de se ter revelado insustentável, no sentido em que o seu excesso é inseparável da produção e manutenção de uma presença ilusória (o seu fim é a produção e sustentação de uma subjetividade moderna, dilacerada, condenada à morte, mas que se assume como totalmente essencial).

13 Tradução nossa: O que é um dispêndio? Antes de mais, uma perda. No plano ontológico, é anti-substância (...) dispêndio é, antes de mais, o nome comum dado a todas as práticas que colocam os seres isolados fora de si mesmos.

14 Tradução nossa: O excesso é o ser, na medida em que "o ser é também o excesso do ser", mas é incognoscível, porque está para além de todos os limites. O excesso é o ser, em nós e para além de nós, na totalidade da natureza. (...) A natureza ultrapassa toda a teoria pelo jogo que a anima incessantemente e que redistribui indefinidamente as suas "formas".

improdutivo seria um estandarte da economia geral e, mesmo assim, ainda pode ser cortejado por economias restritas como o capitalismo.

Essa questão habita lugares mais abissais. O vínculo entre economias restritas e economia geral é muito mais complexo e dinâmico do que simples oposições, visto que a obra batailleana não opera com conceitos estanques nem com conceitos diametralmente opostos que não se contagiam. Eles participam de um jogo de forças em que se determinam mutuamente, num movimento incessante.

A economia restrita não pode ser entendida sem a economia geral – e vice-versa. Isso acontece porque a compreensão da economia geral se dá a partir da exuberância solar que incide na Terra – o que ocorre apenas do ponto de vista da economia restrita da Terra. Esse imbróglio entre a visão cósmica (ou a informe, ou a do excesso) e a visão antropocêntrica está presente ao longo de toda obra batailleana.

*We have no choice between two different economies, but only the economy in which the productive is haunted by becoming non-productive expenditure and the non-productive by becoming productive, with shifts and changes between them that have to be analysed in an open assessment of the current play of forces; an assessment which must be open and radically contingent because it is always subject to further alteration through the play of excess which it traces. (NOYS, 2000, p.116)<sup>15</sup>*

É palatável que não exista uma pura dádiva ou um puro dispêndio absoluto: o próprio Bataille já nos dá indícios disso ao longo de seus textos. A ideia de um puro dispêndio, do gasto improdutivo absoluto poderia ter consequências catastróficas em diversos sentidos. Porém, é também compreensível que não exista um gasto puramente produtivo, uma produção que não se perde: é aí que mora a parte maldita.

De toda forma, essas minúcias não minam o propósito de pensar uma economia geral: ela provém um ângulo cósmico para a experiência humana, trazendo uma perspectiva que nos ultrapassa enquanto discontinuidades que visam apenas sua preservação e propagação, e (na nossa perspectiva moderna e ocidental) que são moldadas por economias restritas pautadas numa maximização da produção.

---

15 Tradução nossa: Não temos escolha entre duas economias diferentes, mas apenas a economia em que o produtivo é assombrado por se tornar dispêndio não-produtivo e o não-produtivo por se tornar produtivo, com deslocamentos e mudanças entre elas que têm de ser analisadas numa avaliação aberta do atual jogo de forças; uma avaliação que tem de ser aberta e radicalmente contingente porque está sempre sujeita a novas alterações através do jogo de excessos que traça.

*General economy would no longer be a place to be occupied outside of restricted economy but a fleeting and effervescent effect of the swirling turbulence of energy flows that constantly puncture limits, create openings and new limits. (NOYS, 2000, p.115)<sup>16</sup>*

A economia geral contribui no trabalho de deslocar o olhar antropocêntrico: ela coloca em xeque nossa relação com o cosmos e o nosso próprio lugar nele – um receptáculo mediando o caminho da realização inútil do universo. Assim podemos elucubrar uma existência e um dispêndio que são um meio e não um fim, engajando uma crítica às economias restritas pautadas em torno de um utilitarismo exacerbado.

*survival for this reason can be read as the fundamentally unintentional consequence of expenditure rather than its purpose. Seeing a nuclear buildup as the wrong kind of expenditure – because it is seen as a means not an end – can lead, in Bataille's view, to a rethinking of the role of expenditure in the modern world and hence, perhaps, the world's (but not modernity's) survival. (STOEKL, 2007, p.46)<sup>17</sup>*

A intrusão da economia geral ilumina outras maneiras de pensarmos – e forjarmos – as economias restritas. Sabemos que as economias restritas do capitalismo/modernidade se constituíram a partir de uma ideia de progresso, pautada na capacidade de utilizarmos fontes de energia altamente concentradas. É com esse propósito que surgem as pesquisas da máquina de moto-perpétuo, com o objetivo de acabar com o gasto improdutivo que ocorre nas conversões energéticas.

O princípio pautado no aumento da produção e da acumulação é o que dirige a economia restrita desenvolvida pelo capitalismo nos dias de hoje: podemos chamá-la de antropoceno (ou capitaloceno, dependendo da origem e da motivação conceitual). *A parte maldita* nos oferece um arcabouço para pensarmos o desdobramento dessas economias restritas, e como elas se utilizam do dispêndio tentando cooptá-lo para um aumento da produção.

---

16 Tradução nossa: A economia geral já não seria um lugar a ser ocupado fora da economia restrita, mas um efeito fugaz e efervescente da turbulência dos fluxos de energia que constantemente perfuram limites, criam aberturas e novos limites.

17 Tradução nossa: Por esta razão, a sobrevivência pode ser lida como a consequência fundamentalmente não intencional do dispêndio e não como o seu objetivo. Ver uma acumulação nuclear como o tipo errado de dispêndio - porque é vista como um meio e não como um fim - pode levar, na perspectiva de Bataille, a repensar o papel do dispêndio no mundo moderno e, por conseguinte, talvez, a sobrevivência do mundo (mas não da modernidade).

A filósofa Oxana Timofeeva elabora essa aproximação em seu livro *Solar Politics*:

*Let me expand this theory further and suggest that today what we call the 'Anthropocene', too, can be accounted for in terms of restricted economy. The profane violence of the Anthropocene resonates with the restricted violence of reason, which excludes what it cannot convert into its object (the nonhuman) and thus produces an excess that returns as repressed, rebels as oppressed, or, in Bataille's terms, rises as the God of violence. The same can be said, more closely, about the Capitalocene, which Jason W. Moore defines as the 'historical era shaped by the endless accumulation of capital'. Finding economic reasons and excuses for the unprecedented violence toward living beings of all kinds, capitalism becomes a driving force of massive extinction. (...) The term 'Capitalocene' brings more concretism, as it perfectly reflects the direct correspondence between the modern restricted economy and the violence of the first type, with all elements already presented with regard to human violence extended to nature. (TIMOFEEVA, 2022, p.80)<sup>18</sup>*

Esse panorama nos ajuda a entender o agenciamento do excesso no capitaloceno/antropoceno. Bataille já aponta em sua obra que a falta só existe no âmbito da economia restrita, o que nos ajuda a entender que a escassez, além de produzida, serve como motor para a economia restrita do capitaloceno. Ela propicia isso justamente por banir o acesso às coisas que seriam do domínio do excesso, trabalhando na ordem da criação do desejo por objetos de consumo que são restritos – acessíveis apenas aos detentores de poderio econômico -. Assim, ela bane o excesso à dimensão do que só pode ser adquirido através de um poder aquisitivo.

O excesso nessas economias restritas do capitaloceno (gerados pela acumulação primitiva de capital, pelo extrativismo e colonialismo)<sup>19</sup> permanece acumulado nas mãos da ínfima parcela da população que controla o grande capital. Dentre esse excesso estão os mais diversos “recursos naturais” – que têm a sua exuberância mutilada no registro da

---

18 Tradução nossa: Permitam-me que expanda ainda mais esta teoria e sugira que, atualmente, aquilo a que chamamos o "Antropoceno" também pode ser explicado em termos de economia restrita. A violência profana do Antropoceno ressoa com a violência restrita da razão, que exclui o que não pode converter em seu objeto (o não-humano) e produz assim um excesso que retorna como recalçado, se rebela como oprimido ou, nos termos de Bataille, se ergue como o Deus da violência. O mesmo pode ser dito, mais de perto, sobre o Capitaloceno, que Jason W. Moore define como a "era histórica moldada pela acumulação interminável de capital". Ao encontrar razões e desculpas econômicas para a violência sem precedentes contra seres vivos de todos os tipos, o capitalismo torna-se uma força motriz da extinção em massa. (...) O termo 'Capitaloceno' traz mais concretismo, pois reflete perfeitamente a correspondência direta entre a economia restrita moderna e a violência do primeiro tipo, com todos os elementos já apresentados no que diz respeito à violência humana estendida à natureza.

19 O capitaloceno e sua maneira de organizar a natureza, pautada na sua relação com o colonialismo, o racismo e outras relações de poder é bem elaborada nos textos presentes na coletânea organizada por Jason Moore: *Anthropocene or capitalocene? Nature, History and the Crises of Capitalism*.

necessidade, ao serem exaustivamente (e quase totalmente) convertidos em energia produtiva -.

*Anthropocene's cosmic extension corresponds to the greed of the restricted economy. Colonizing other lands together with their populations and natural resources, as well as colonizing other planets, is not enough: the desire to appropriate, consume, conserve, or store the gifts of terrestrial and celestial bodies pushes our civilization forward to the ends of the universe. (TIMOFEEVA, 2022, p.101)<sup>20</sup>*

Nessa perspectiva da economia restrita, a abundância fica cerceada no registro da acumulação e promove a escassez. O regime capitalista se alimenta dessa relação, tirando proveito dessa espécie de “mais-valia” energética. Nesse cenário, o excesso passa a ser associado com a posse de bens de consumo, que justamente não são acessíveis para todos: dispêndio não no registro da abundância, mas no da raridade. Como nota Bataille já em *A noção de dispêndio*, a burguesia instaura o usufruto do dispêndio entre si, em que não há uma comunhão geral da opulência.

Quando a abundância é colocada em questão, fica evidente toda uma manipulação do excesso. Suas manifestações sofrem uma inversão suspicaz, saindo da dádiva solar que abunda na Terra e que nos proporciona uma energia que precisamos gastar improdutivamente, para uma perspectiva em que o gasto é (idealmente) sempre útil porque alimenta a engrenagem da produção incessante. Aí culminamos num ponto crucial para Bataille: de que o excesso pode ser despendido gloriosamente, ou de maneira catastrófica.

O que a economia restrita do capitaloceno tem nos mostrado é que o manejo do excesso que ocorre nesse registro acarreta numa maneira catastrófica de lidar com o gasto improdutivo, transformando a inutilidade numa espécie de dejetos aniquilador. Entender esse gasto residual do capitalismo como o dispêndio inútil do excesso pode incorrer em leituras “perniciosas” da relação que cultivamos com o excesso.

Quando pensamos numa infiltração da economia geral em economias restritas, nossa perspectiva é a de cultivar uma lida com o excesso que seja menos predatória, que dê vazão ao excesso dispendido gloriosamente. É uma prospectiva que fomenta a vazão à expressão inútil do universo, levando em consideração a parte maldita em nós mesmos. Enaltecer a

---

20 Tradução nossa: A extensão cósmica do Antropoceno corresponde à ganância da economia restrita. Colonizar outras terras com as suas populações e recursos naturais, bem como colonizar outros planetas, não é suficiente: o desejo de se apropriar, consumir, conservar ou armazenar as dádivas dos corpos terrestres e celestes empurra a nossa civilização para os confins do universo.



parte maldita implica em não mutilar o excesso na forma de um motor de uma economia restrita, mas levar em consideração que os seres são por ele ultrapassados.

O texto de Bataille, tanto pela forma como pelas lacunas e aporias que fazem parte de sua construção, acarreta nas interpretações mais díspares possíveis. De fato, há pensadores que defendem que a perspectiva batailleana de crítica ao capitalismo como um sistema que acumula e não dá margem ao dispêndio improdutivo é uma interpretação condicionada pelo seu momento histórico, logo, incapaz de lidar com as mutações do capitalismo contemporâneo, que teria partido de um modelo de acumulação para um modelo de consumo (NOYS, 2000, p.118).

Benjamin Noys apresenta uma crítica desenvolvida por Jean Goux, que entende que a noção de economia geral, compreendida contemporaneamente, estaria muito mais próxima da economia capitalista – que teria assimilado o dispêndio improdutivo como seu princípio - do que de uma crítica a ela:

*Whether the reaction is positive or negative, in both cases Bataille's general economy is reduced to a capitalist economy. Bataille has been absorbed by a mutation of capitalism that he did not foresee, and the liberating possibilities of his work have become reduced to a proliferating series of market choices. (NOYS, 2000, p.119)<sup>21</sup>*

Nossa crítica a esse ponto de vista leva em consideração o pensamento de filósofos como Stoekl, Timofeeva e Sasso: a própria definição da parte maldita – levando-a em consideração como uma expressão *irredutível* do excesso – vai contra a possibilidade de uma megalomania antropocêntrica que pretende de tudo se apropriar e tornar útil.

Como aponta Timofeeva, pensar hoje a parte maldita é também pensar a energia, reconhecendo os limites do crescimento e cogitando outras agências que não partam da distinção fundacional da modernidade entre homem e natureza (ou natureza e cultura), em que se prevê uma separação e manipulação da natureza por parte do homem, numa hierarquia ontológica. É reconhecer o dispêndio improdutivo como uma atividade auto-consciente, suscitando estratégias que perfilam à parte maldita.

---

<sup>21</sup> Tradução nossa: Quer a reação seja positiva ou negativa, em ambos os casos a economia geral de Bataille é reduzida a uma economia capitalista. Bataille foi absorvido por uma mutação do capitalismo que ele não previu, e as possibilidades libertadoras do seu trabalho reduziram-se a uma série proliferante de escolhas de mercado.

*Stoekl makes a distinction between destructive waste and non-productive expenditure. Contemporary restrictive economies, based on the process of burning fossil fuels, are in fact economies of waste, that have to be confronted by the general economy: it is time to learn to expend consciously instead of wasting blindly. (TIMOFEEVA, 2021, p.72)<sup>22</sup>*

É importante também assinalar a inexistência de uma *pura* parte maldita. Não há uma manifestação do dispêndio improdutivo *clara e distinta* no globo terrestre, elas estão sempre contaminadas: o excesso é contágio. Entendemos que a economia geral habita esse não-lugar da impossibilidade, e por isso não pode ser encarnada numa economia existente no globo terrestre, num exemplo *ipisis litteris*. Assim, “capitalism is not just a restricted economy in terms of accumulation but also in terms of the range of its expenditures (...)” (NOYS, 2000, p.119)<sup>23</sup>

Compreendendo que a economia geral se coloca como inatingível, expressando-se no horizonte como impossível - na borda do limite – somos clamados a pensar: o que fazer das economias restritas? O olhar, e a presença, humana nos situa irremediavelmente em economias restritas. Não nos é palatável cogitar um completo abandono da utilidade, assumir as perversas transgressões de uma soberania sem fim. Seria não só contraproducente, mas pueril defendermos uma postura niilista que pregue a maximização do consumo e do gasto, acarretando na aniquilação nossa e de tudo ao redor.

Não pretendemos pautar algo como “um caminho do meio”, ou um conceito evasivo como o de sustentabilidade. Conclamamos uma atualização do excesso, em que questionemos nossas práticas e nosso regime econômico-energético, colocando em questão qual tipo de dispêndio louvamos.

O limiar da incompletude, tão presente na obra batailleana, também arremata esse artigo. Ele inspira a pensar outros tipos de abundância e modos de existência que não lacerem o fluxo do excesso, criticando as economias restritas que tentam o instrumentalizar de forma predatória, acarretando um trabalho de aniquilação.

Acreditamos que o pensamento batailleano pode contribuir com uma radicalidade ontológica, oferecendo maneiras heterodoxas para pensarmos o manejo energético no

---

22 Tradução nossa: Stoekl faz uma distinção entre gasto destrutivo e dispêndio não produtivo. As economias restritas contemporâneas, baseadas no processo de queima de combustíveis fósseis, são de fato economias do gasto, que têm de ser confrontadas pela economia geral: é tempo de aprender a gastar conscientemente em vez de desperdiçar cegamente.

23 Tradução nossa: o capitalismo não é apenas uma economia restrita em termos de acumulação, mas também em termos do alcance de seu dispêndio (...)

mundo, e também na criação e manutenção das estruturas sociais. Ele conclama a pensarmos a urgência, à confabulação de como habitar a Terra junto ao excesso.

## **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

AMBROSINO, G. BATAILLE, G. L'expérience à l'épreuve: Correspondance et inédits. Meurcourt: Éditions les cahiers, 2018.

BATAILLE, G. A Parte Maldita. Belo Horizonte: Autêntica, 2013(a)

\_\_\_\_\_. Documents. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2019

\_\_\_\_\_. L'expérience intérieure. Paris: Gallimard, 1954.

\_\_\_\_\_. O Erotismo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

\_\_\_\_\_. Œuvres Complètes vol I, II, V, VI, VII. Paris: Gallimard.

DERRIDA, J. A Escritura e a diferença. São Paulo: Perspectiva, 2009.

HAMANO, K. Georges Bataille ; la perte, le don et l'écriture. Dijon: Éditions universitaires de Dijon, 2004.

LIMOUSIN, C. (Org). La Part Maudite de Georges Bataille – la dépense et l'excès. Paris: Classiques Garnier, 2015.

MAUSS, M. Antropologia e sociologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003

MAUSS, M; HUBERT, H. Sobre o sacrifício. São Paulo: Cosac Naify, 2005

MONG-HY, C. Bataille cosmique - Georges Bataille: du système de la nature à la nature de la culture. Paris: Nouvelles éditions ligne, 2012.

\_\_\_\_\_. Le monde et Bataille. Études textuelles, contextuelles et prospectives. Thèse, 2010.

MOORE, J (Org). Anthropocene or Capitalocene? Nature, History and the Crisis of Capitalism. Oakland: PM Press, 2016.

NOYS, B. Georges Bataille – A Critical Introduction. London: Pluto Press, 2000.

PRIGOGINE, I; STENGERS, I. A nova aliança - A metamorfose da ciência. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1984.

SASSO, R. Georges Bataille: le système du non-savoir - Une ontologie du jeu. Paris: Les Éditions de Minuit, 1978.

STOEKL, A. Bataille's Peak – Energy, Religion and Postsustainability. Bloomington: Indiana University Press, 2007.

SURYA, M. Georges Bataille, la mort à l'oeuvre. Paris: Gallimard, 2012.

TIMOFEEVA, O. Solar Politics. Cambridge: Polity Press, 2022.